



Os impactos das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática jornalística durante a pandemia de Covid-19

Ricardo Aoki¹

Resumo: Esta pesquisa surgiu da necessidade de entender como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tem influenciado o trabalho do jornalista durante a pandemia de coronavírus em 2020. O estudo foi feito no mês de julho de 2020, momento que os jornalistas já estão ao menos por três meses em isolamento social e trabalhando a partir de suas casas. O questionário foi aplicado com 55 profissionais formados em jornalismo e atuando em alguma área do jornalismo. O objetivo foi identificar novas tecnologias utilizadas, dificuldades ou facilidades surgidas a partir do uso das tecnologias e suas implicações na prática jornalística e no trabalho a partir de casa. Os resultados preliminares demonstram que existem vários enfrentamentos, oportunidades a serem exploradas e novos tipos de precarização que podem surgir a partir desse novo normal e que foram facilitados pela utilização dos dispositivos e aplicativos tecnológicos.

Palavras-chave: Jornalismo; pandemia; Covid-19; TICs.

1. Introdução

No final de 2019 quando os noticiários começaram a reportar um surto de uma nova cepa de coronavírus na província de Wuhan na China, muitos brasileiros não devem ter dado a devida importância para as notícias que relatavam os acontecimentos vindos de mais de 17 mil quilômetros de distância. Entretanto, o vírus levou pouco mais de um mês para chegar ao país e no dia 25 de janeiro de 2020 foi relatado o primeiro caso oficial registrado no Brasil. De lá para cá houve uma ruptura inimaginável no modo de produção

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: ricardoaoki13@gmail.com

do capitalismo. Latour (2020) diz que o vírus fez uma humilde circulação de boca em boca viajando nos perdigotos e ele conseguiu a suspensão da economia mundial, algo inimaginável até então. O autor também discorre que a pandemia é um momento de reavaliar os métodos de produção e se a sociedade deseja continuar exaurindo o meio ambiente em nome da riqueza e do capitalismo.

O Jornalismo como parte da engrenagem capitalista também foi atingido no seu modo de produção. A ruptura aqui se dá em um momento onde o próprio jornalismo buscava, a passos lentos, se reencontrar com a sociedade e resgatar seu papel de *watchdog* do poder público. É fato que nos últimos anos as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) contribuíram para que o jornalismo perdesse parte de sua credibilidade e audiência (CHRISTOFOLETTI, 2019). Essa deterioração e o crescimento das *fake news* disseminadas principalmente por aplicativos de comunicação como o Whatsapp e plataformas como o Facebook, geraram uma ojeriza ao jornalismo em diversos segmentos da sociedade. Todos devem ter um amigo ou parente que não acredita no jornalismo e que dão mais credibilidade em notícias que são disseminadas por robôs ou hospedadas em sites duvidosos do que para a informação apurada por jornalistas. Tudo depende do ponto de vista do receptor como afirma Alberto Freitas Filho quando diz que cada um é livre para inventar a verdade que quiser, assim como para acreditar em verdades inventadas de acordo com a própria conveniência (FERRARI, 2020).

Nesse cenário os veículos de imprensa aproveitam a pandemia como oportunidade para resgatar parte da credibilidade perdida e submetem seus profissionais a um novo tipo de precarização mediada pelas tecnologias. Para Boarini estamos vivendo em uma era peculiar, permeada por disrupções de efeitos “tsunâmicos” onde a comunicação enfrenta seu mais novo desafio advindo da área da microbiologia (FERRARI, 2020). O vírus revelou seu alto poder disruptivo nos processos produtivos do jornalismo e as TICs oportunizaram aos jornalistas novas formas de produzir conteúdo e abriram as portas para novos desafios e situações inesperadas advindas do isolamento social.

O isolamento social, trabalho em casa e a adaptação aos artefatos tecnológicos necessários para a execução das atividades, impactou diretamente na prática profissional. A presente pesquisa se justifica pela necessidade de identificar as inovações tecnológicas nas práticas jornalísticas a partir da cobertura da pandemia de coronavírus e observar

quais foram os impactos gerados e como os jornalistas se adaptaram ao “novo normal” de suas atividades com o trabalho *home office*.

Como parte de um estudo inicial, realizamos no mês de julho de 2020 uma pesquisa com 55 jornalistas com o objetivo identificar como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tem sido utilizadas no processo produtivo durante o isolamento social. As respostas permitiram avaliar que a adaptação ao ambiente de casa foi brusca e difícil. Também observamos que o custo do trabalho em casa, seja de tempo ou financeiro, na maioria dos casos foi absorvido pelo jornalista. Apesar de ser nítido que novos formatos e estratégias foram possíveis graças às TICs, aponta-se questões que devem ser estudadas a partir do entendimento que a disrupção provocada pela pandemia no Jornalismo será sentida muito depois do fim dela. Esses apontamentos e os resultados parciais dessa pesquisa são descritos nesse artigo.

2. Metodologia

A pesquisa foi aplicada a partir de um questionário elaborado no Google Forms que ficou aberto para respostas do dia 01 ao dia 15 de julho de 2020. Período onde muitos municípios e estados discutiam a flexibilização das normas de isolamento social necessárias para a contenção do coronavírus e momento onde os jornalistas já estavam atuando há mais de três meses sob essa nova normalidade.

O questionário foi enviado inicialmente para 250 pessoas que se identificavam como jornalistas em seu perfil do LinkedIn em associação de primeiro nível com o perfil do autor da pesquisa. Um total de 55 pessoas responderam o questionário e outras nove pessoas se disseram não possibilitadas por estarem desempregadas.

No quadro sócio econômico foram feitas sete perguntas sendo obrigatório colocar o nome completo do participante e a empresa onde trabalha ou presta serviço. Nessa seção perguntamos a idade, gênero, formação, atuação e o município onde exerce a função. No questionário foram realizadas quatorze perguntas optativas todas obrigatórias e uma pergunta discursiva sobre o processo de produção durante a pandemia. Ao final os participantes foram convidados a deixar um e-mail para participarem futuramente da continuidade dessa pesquisa e para receber os resultados dela. Todos os participantes concordaram

com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de iniciar as respostas onde se explicou o tempo necessário para participar e a possibilidade de desistir da participação a qualquer momento sem a necessidade de justificar. As respostas da questão discursiva foram aplicadas em um gerador de nuvem de palavras para visualização da incidência de termos utilizados o que ajudou no processo de entendimento das respostas discursivas. Utilizamos o aplicativo *Wordclouds* para tal função. As palavras semelhantes e derivadas foram agrupadas manualmente em um mesmo termo para melhor visualização dos dados semânticos da nuvem de palavras.

3. Resultados do questionário

A feminização da profissão de jornalista é uma realidade confirmada no estudo do Perfil do Jornalista Brasileiro realizada em 2012 que já apontava que as mulheres eram 64% do total da força de trabalho no setor (MICK *et al.*, 2013). A presente pesquisa contou com a participação de 55 jornalistas sendo 60% mulheres (33 participantes) e 40% homens (22 participantes) o que corrobora a projeção demográfica (Tabela 1). Apesar da pesquisa de Mick *et al.* (2013) já ter sete anos, entende-se que não houve grande mudança na relação de gênero na categoria. Entre as mulheres a média de idade foi de 35 anos sendo a mais jovem com 22 anos e a mais velha com 54 anos. Entre os homens a média de idade foi de 38,5 anos sendo o mais jovem com 23 anos e o mais velho com 65 anos de idade.

Apenas um participante não tem formação de Jornalista, porém atua há mais de 10 anos na área. Dois participantes (3,6%) trabalham em impresso, 16 participantes (29,1%) atuam em portais de notícias totalmente on-line, 12 participantes (21,8%) são profissionais de TV sendo seis repórteres. Em rádio participaram duas pessoas (3,6%) e funções de assessoria de imprensa, marketing e outros totalizaram 23 participantes (41,8%). No Perfil do Jornalista Brasileiro a atuação foi dividida entre os profissionais que atuam na mídia (funções diretamente ligadas ao jornalismo) e os que atuam fora da mídia, ou seja, em outras funções, mas que utilizam o conhecimento do jornalismo. Se compararmos esses números com o presente levantamento também teremos uma proximidade conforme o comparativo na Tabela 1.



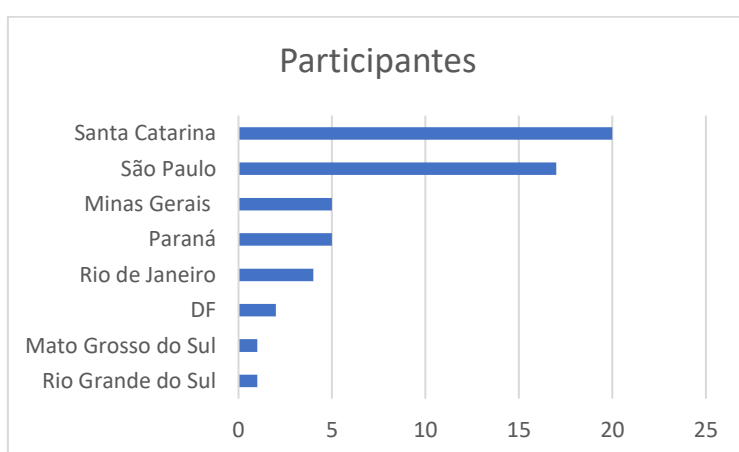
Tabela 1 – Comparativo do perfil do Jornalista Brasileiro com os dados da presente pesquisa

Comparativo		
	Perfil do Jornalista Brasileiro	Impacto da Pandemia no Jornalismo
Mulheres	64%	60%
Homens	36%	40%
Atuam na mídia	55%	58%
Fora da mídia	40%	42%

Fonte: Elaborado pelo autor

Os dados demográficos (Gráfico 1) mostraram que 36,3% dos participantes dessa pesquisa atuam no estado de Santa Catarina, 30,9% atuam em São Paulo. Paraná e Minas Gerais receberam 9% de respostas cada, Rio de Janeiro com 7,27%, Distrito Federal com 3,63% e Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul com 1,81% cada.

Gráfico 1 – Dados demográficos de atuação dos participantes



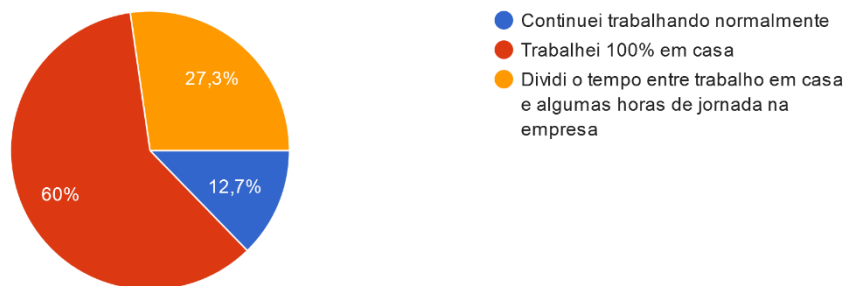
Fonte: Elaborado pelo autor

As respostas ao questionário possibilitaram identificar problemas e perspectivas para a atividade jornalística durante a cobertura da pandemia de coronavírus que iremos

discorrer com a análise das perguntas optativas. Quando perguntados sobre como foi a mudança na rotina de trabalho após o início da pandemia (Gráfico 2). Verificou-se que 60% dos participantes trabalharam integralmente em casa e 27,3% dividiram a jornada com algumas horas de trabalho na empresa e outras em casa. Percebemos que 12,7% continuaram trabalhando na empresa normalmente. Entre os que trabalharam normalmente notamos que apenas um profissional é repórter de TV em um órgão público, dois são freelancers de veículos web e outros quatro participantes trabalham em portais de notícias.

Gráfico 2 – Mudança na rotina de trabalho após o início da pandemia

Como foi a mudança na rotina de trabalho após o início da pandemia?
55 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor

Doze profissionais de TV responderam ao questionário sendo que 42% relataram que trabalharam todo o tempo em casa contra 58% que dividiram o tempo entre a empresa e o trabalho em casa. Dos seis repórteres de TV participantes da pesquisa quatro dividiram o tempo entre o trabalho em casa e a empresa, um trabalhou totalmente em casa (participante 33) e apenas um, como já citado, continuou normalmente com as atividades na empresa (participante 48).

Foi comparado as respostas dos participantes 33 e 48 com relação a questão discursiva que perguntou “Como foi o seu processo de produção durante a pandemia?” O participante 48 relatou que “não houve nada de espetacular além da cobertura diária e que houve um aumento de demandas”. Já o participante 33 relatou que “trabalhar totalmente em casa lhe trouxe mais agilidade no processo produtivo, entretanto sentiu maior desgaste

mental”. De um lado notamos que o participante 48 aparentemente continuou sua rotina e acabou trabalhando mais para dar conta da demanda e do outro lado o participante 33 se diz mais desgastado por ter tido que ter mais agilidade na entrega do conteúdo. Em uma análise superficial podemos supor que a pandemia elevou o desgaste na rotina de trabalho de ambos os profissionais, pois, mesmo que o participante 48 tenha dito que não houve nada de “espetacular” o simples fato de ter um aumento de carga de trabalho já nos faz entender que ele foi obrigado a trabalhar mais.

A pergunta dois do questionário tentou identificar se os profissionais tinham todos os aparatos tecnológicos necessários para o trabalho em casa (Gráfico 3). Mais de 60% dos participantes disseram já possuir todos os dispositivos e equipamentos necessários para o trabalho remoto. Outros 25,5% declararam que a empresa lhes forneceu a estrutura necessária e 12,7% foram obrigados a comprar algum tipo de acesso ou dispositivo necessário. Apesar de 61,8% dos entrevistados já possuírem os equipamentos e dispositivos necessários é importante frisar que 81,8% dos participantes, ou seja, 45 profissionais também declararam que a empresa em que trabalham não está ajudando no custeio de despesas como conexão de internet, luz, desgaste de equipamentos pessoais e assinaturas de serviços digitais necessários ao trabalho remoto.

Gráfico 3 – Sobre os profissionais terem em casa os aparatos para o trabalho remoto

Com relação ao trabalho em casa
55 respostas



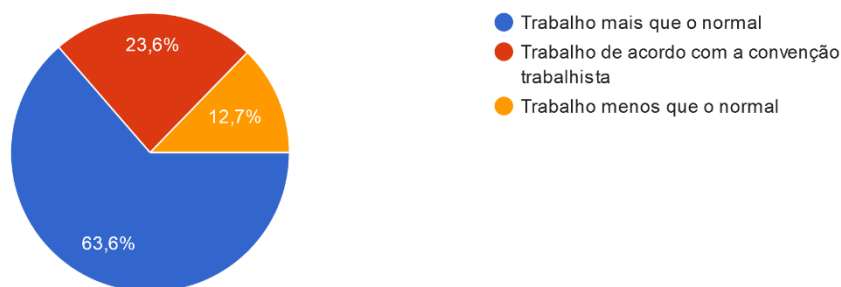
Fonte: Elaborado pelo autor

Com relação a jornada de trabalho a percepção para 63,6% dos entrevistados é que se está trabalhando mais que o normal (Gráfico 4) e para 41,8% dos profissionais o

WhatsApp tem ajudado a aumentar a demanda de trabalho. O aumento de demandas fora do horário de trabalho via WhatsApp também é tido como um problema para 38,2% dos participantes da pesquisa.

Gráfico 4 – Como as tecnologias influenciaram o tempo no seu trabalho em casa?

Como as tecnologias influenciaram o tempo no seu trabalho em casa?
55 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor

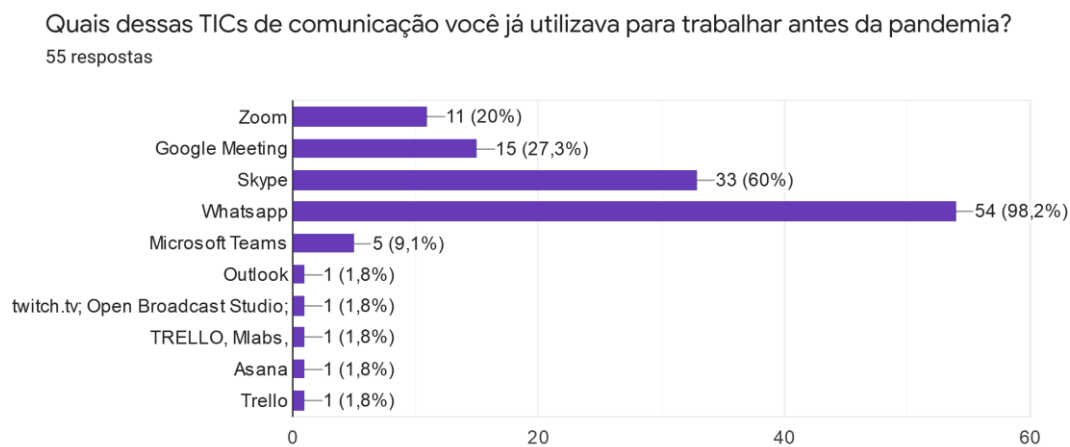
A pesquisa também apurou as TICs que emergiram a partir da pandemia e que eram desconhecidas para os entrevistados. A plataforma Zoom certamente foi a mais citada com 17 menções e o Google Meet com 14 citações. A primeira, mesmo com suspeitas de invasão e vazamento de dados², tornou-se popular durante a necessidade urgente de plataformas de vídeo conferência. Já o Meet que é parte da plataforma G-Suit do Google, portanto apenas para usuários corporativos, foi disponibilizada gratuitamente para todos os usuários até setembro de 2020 em uma clara campanha para popularizar um serviço da gigante de tecnologia norte-americana.

Quase metade dos entrevistados não dominavam totalmente as tecnologias necessárias para o trabalho remoto e uma parcela de 12,7% citaram que ainda tem dificuldades no manuseio e adaptação às TICs. Dentro desse universo, apenas 16,4% receberam treinamento da empresa que trabalham e outros 16,4% tiveram que buscar ou pagar por cursos e treinamentos especializados para o domínio das tecnologias. Entretanto, a maioria

² Notícia sobre invasão por hackers no aplicativo Zoom pode ser lida em: <https://canaltech.com.br/seguranca/hackers-estao-invadindo-conferencias-do-zoom-para-exibir-pornografia-162649/> e sobre vazamento de dados na mesma plataforma: <https://canaltech.com.br/seguranca/vazamento-de-dados-do-zoom-com-promete-mais-de-500-mil-usuarios-163316/>

dos profissionais entendem que as tecnologias digitais facilitaram o trabalho remoto a partir de casa. Nesse sentido, o Whatsapp é a tecnologia disparadamente mais utilizada por quase 100% dos participantes, seguido pelo Skype (60%), Google Meet (27,3%) e Zoom (20%) (Gráfico 5).

Gráfico 5 – TICs utilizadas antes da pandemia



Fonte: Elaborado pelo autor

Apenas 23,6% participaram de cursos e palestras on-line por orientação do empregador e 18,2% buscaram por conta própria por conteúdos sobre as ferramentas necessárias para a execução do trabalho remoto. Como o jornalismo de dados ficou muito evidente durante a pandemia de coronavírus, perguntamos aos participantes se eles necessitaram trabalhar com dados referentes ao assunto. No total 30,9% responderam que sim e o mesmo número de respostas relatou dificuldades em acessar dados das fontes oficiais. Talvez, por isso que os grandes grupos de comunicação optaram por criar um consórcio para apurar o número de infectados e mortos pela Covid-19.

4. Análise das respostas discursivas

Para visualização semântica das respostas da pergunta discursiva (Como foi o seu processo de produção durante a pandemia? Cite as dificuldades, facilidades ou inovações

que esse período provocou. Se possível fale como você fez para produzir, editar e publicar o conteúdo) utilizamos o gerador de nuvem de palavras *Wordclouds*³ conforme a Figura 1. Figura 1 – Nuvem de palavras



Fonte: elaborado pelos autores no aplicativo Word

A nuvem de palavras demonstrou que “dificuldade” e “casa” foram os termos mais utilizados com 20 menções cada. Produzir e produção tiveram 11 citações cada. As análises preliminares mostram que a maior parte dos entrevistados teve dificuldades iniciais com o trabalho remoto principalmente por estarem no ambiente de casa. Uma percepção é o que Figaro *et al.* (2020) analisam em outro levantamento feito sobre o trabalho dos comunicadores durante a pandemia que identificou que as empresas já vinham experimentando procedimentos que estavam sendo gestados de forma ponderada e que com a pandemia foram acelerados de forma desorganizada. Apesar das TICs ajudarem no processo de adaptação ao trabalho remoto, fator quase unânime nas respostas dos

³ O aplicativo Wordclouds pode ser acessado em: <https://www.wordclouds.com/>

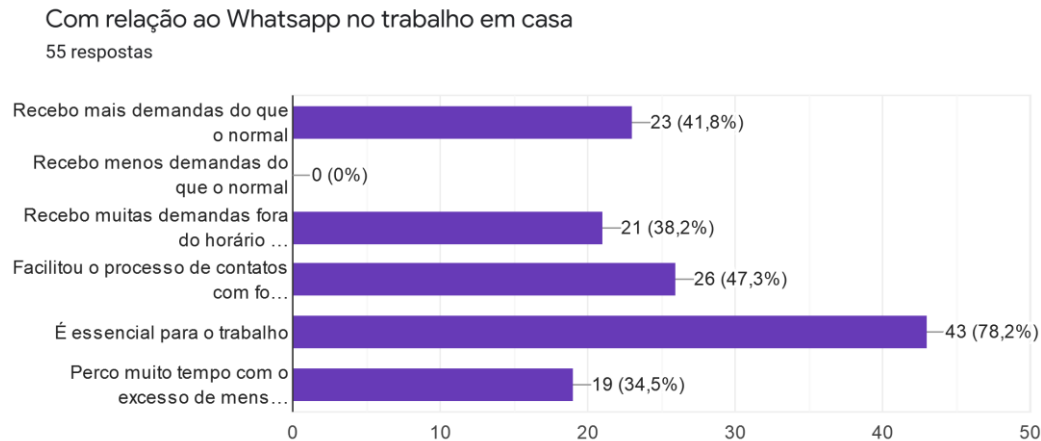
participantes, também é vidente que elas – tecnologias – também ajudam no processo de vigilância sobre o trabalhador no seu ambiente doméstico.

Ao analisar a nuvem de palavras nota-se que “casa”, “produção” e “dificuldade” são destaques. Muitos dos entrevistados citaram a preocupação de produzir conteúdo a partir do ambiente doméstico e relataram diversas dificuldades com relação a adaptação ao ambiente não planejado para o trabalho, conciliação com filhos em casa, marido ou esposa, falta de conhecimento das tecnologias de vídeo conferência e produção de conteúdo como Adobe Premiere por exemplo. Houve relatos inclusive de dificuldade de manuseio do Word para edição de textos. Os problemas relacionados com a conexão de internet também foram nítidos o que nos leva a pensar que ainda temos uma infraestrutura precária no Brasil em relação ao trânsito de dados cabeados.

Um dos entrevistados relatou que as reuniões on-line se tornaram frequentes e cansativas. Também houve relatos sobre expor sua casa na TV, por parte principalmente dos repórteres, que necessitaram criar um cenário em algum ambiente de casa que pudesse ser utilizado sem expor demais a intimidade e o ambiente familiar. Por outro lado, a maioria das respostas é positiva no sentido de aprendizado de novas ferramentas tecnológicas que talvez não nunca fossem utilizadas sem essa necessidade latente.

Os profissionais que atuam fora da mídia, em síntese, relataram que não houve dificuldades no trabalho remoto e que a adaptação aos dispositivos e mídias foi amena. As questões psicológicas não foram alvo do nosso questionamento, mas é necessário relatar que muitas respostas comentaram sobre o estresse, depressão e ansiedade aumentados durante esse período de pandemia. Como as tecnologias propiciaram a possibilidade de o profissional estar sempre ligado no trabalho, os relatos de demandas enviadas via Whatsapp (Gráfico 6) ou e-mail fora do horário de expediente ajudaram a aumentar a sensação de vigilância sobre o trabalho. Fato que nos parece ter relação com os testemunhos sobre problemas psicológicos. Porém, não é objeto desse estudo fazer conjecturas sobre questões psicanalíticas que devem ser apuradas por pesquisas focadas da área de saúde mental. Mas é perceptível que o confinamento e dividir o ambiente de trabalho com o doméstico não é tarefa simples mesmo com as tecnologias que facilitaram a comunicação entre trabalhadores e empregadores.

Gráfico 6 – Whatsapp no trabalho em casa



Fonte: Elaborado pelo autor

5. Conclusão

Essa pesquisa é um ensaio inicial para um levantamento mais detalhado sobre o impacto que a pandemia de Covid-19 gerou sobre o trabalho dos jornalistas e com foco nas tecnologias que foram utilizadas durante esse período que ainda, ao que parece, está longe de terminar. É nítido que as Tecnologias da Informação e Comunicação facilitaram a adaptação dos profissionais ao trabalho remoto. Entretanto nossa coleta demonstrou que existe uma dificuldade de adaptação dos jornalistas ao trabalho no ambiente de casa. Essa dificuldade se estende por vários fatores citados pelos entrevistados que vai desde a convivência com os filhos, falta de um espaço adequado para o trabalho e até pela cadeira utilizada que não tem a ergonomia necessária. No que diz respeito às tecnologias podemos afirmar que a percepção dos entrevistados é que a adaptação foi mais difícil para os profissionais que trabalham na mídia, ou seja, que estão diretamente ligados ao jornalismo, pois necessitaram se adaptar abruptamente para utilizar as TICs para entrevistas, apuração de dados e participação direto de suas próprias casas. Fato que era impensável alguns meses atrás. Já os profissionais fora da mídia, que se utilizam do conhecimento jornalístico em suas funções, ao que parece se adaptaram melhor pois já tinham rotinas

laborais estáticas, ou seja, que não necessitam de locomoção e que já eram produzidas a partir das TICs.

A utilização das tecnologias como Zoom, Google Meet e Whatsapp conseguiram simular o ambiente comunitário do trabalho. Permitiram reuniões, agendamentos de entrevistas, organização da rotina de trabalho. Entretanto, ainda é nítido que o custo do trabalho em casa não foi absorvido pelas empresas pois 81,8% dos participantes responderam que tiveram que custear internet, luz, assinaturas de serviços digitais e comprar equipamentos para o trabalho numa expropriação dos salários em prol do empregador. Também é necessário entender em futuras pesquisas como a mão da vigilância do ambiente de trabalho se utilizou das TICs para se sobrepor aos trabalhadores no seu ambiente doméstico. Pois, nos parece nítido que parte do estresse gerado e relatado pelos participantes dessa pesquisa tem a ver com não se ter limites claros definidos em lei sobre ser obrigado a atender demandas provindas do Whatsapp ou outra tecnologia fora do horário de trabalho (Gráfico 6).

É evidente que a necessidade do trabalho remoto no jornalismo durante a pandemia de coronavírus propiciou o surgimento de novos formatos, principalmente no jornalismo televisivo, alvo que ainda será estudado por nossa pesquisa. Também é nítido que os jornalistas não perceberam ainda que o tempo economizado no transporte até o trabalho ou com a redução de alguns processos produtivos graças as TICs, não foi revertido em seu benefício e as respostas discursivas nos faz perceber que essa otimização do tempo foi ocupada por um excesso de demandas solicitadas pela empresa. Ou seja, o tempo economizado que deveria ser utilizado pelo jornalista para seu bem estar acabou sendo ocupado por demandas profissionais o que deixa claro que é necessário regulamentar os limites da vigilância do trabalho fora do horário de expediente.

A conclusão inicial é que a pandemia provocou uma disrupção no jornalismo graças a possibilidade de utilização das TICs como facilitadoras do trabalho remoto e ao surgimento de novos formatos jornalísticos. Certamente seria impossível imaginar o trabalho do jornalista sendo feito 100% em casa sem Whatsapp, internet, Zoom, Photoshop e outros aparatos tecnológicos. O jornalismo poderá se beneficiar desse novo normal que tende a se perpetuar nas redações, inclusive com o surgimento de novos formatos de notícia. Entretanto, é preciso intensificar as pesquisas para entender as mudanças que

aconteceram de forma atropelada graças a emergência sanitária e o que será utilizado como forma de melhorar a prática jornalística. Essa pesquisa pretende acompanhar esse processo e buscar respostas mais detalhadas sobre os impactos que as TICs exercem sobre a profissão durante a pandemia de Covid-19.

Nota

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019. 104 p. (Interrogações).

FERRARI, Polyana. **Nós: tecnoconsequências sobre o humano.** Porto Alegre: Fi, 2020. 208 p. (Comunicação, Jornalismo e Educação).

FIGARO, Roseli *et al.* Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, [S.L.], v. 3, p. 1-39, 3 jul. 2020. Revista Juridica Trabalho e Desenvolvimento Humano. <http://dx.doi.org/10.33239/rjtdh.v.76>. Disponível em: <http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/76>. Acesso em: 06 ago. 2020.

LATOUR, Bruno. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise.** 2020. Tradução: Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/008-1>. Acesso em: 31 jul. 2020.

MICK, Jacques *et al.* **Quem é o jornalista brasileiro?:** perfil da profissão no país. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2013. 77 slides, color. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.